

miológico da sexualidade, em si própria e no contexto da epidemia VIH/sida, bem como das variáveis associadas aos comportamentos preventivos. Assim, os resultados do Inquérito *Saúde e Sexualidade*, a que o livro se reporta, proporcionam um conjunto de indicadores de monitorização da epidemia, baseados na *Declaração de Compromisso da Onusida*, de 2001 e que podem ser usados na avaliação da situação a nível nacional e na orientação de estratégias e campanhas preventivas.

**Aliete Cunha-Oliveira,  
Ilda Massano Cardoso,  
José Cunha-Oliveira**

**Lord e Lady Holland e Dr. John Allen. 2011. *Três Diários de Viagem em Portugal em 1808-1809*. Investigação, tradução, introdução e notas de José Batista de Sousa. Casal de Cambra: Caleidoscópio. 191pp. ISBN 978-989-658-097-1.**

A literatura de viagens, pelo figurino diáristico, adquire particular importância para se perceber o olhar do estranho em presença do outro, o que pode ajudar a que possamos fazer, por essa via, uma avaliação dos espaços e das gentes, descontadas, obviamente, com prudência, as subjetividades comprometidas.

Portugal, a partir do século XVIII, especialmente, foi visitado por estrangeiros reputados em vários domínios que reuniram impressões de viagem, em diversificados registos, permitindo-nos, por essa via, avaliarmos como éramos vistos na dimensão cultural e na pauta de costumes e hábitos conviviais, de forma nem sempre lisonjeira, antes pelo contrário.

Entre os talvez mais significativos, registamos, com as referências editoriais, para os leitores mais interessados, as obras: Carl Ruders, *Viagem em Portugal* (Lisboa: Biblioteca Nacional, 1891).

Princesse Rattazzi. *Le Portugal à Vol de l'Oiseau. Portugais et portugaises* (Paris: A. Dégorgi Cadot, 1879; há tradução portuguesa). Arthur William Costigan, *Cartas sobre a Sociedade e os Costumes de Portugal. 1778-1779*. Vol. II (Lisboa: Lisóptima, 1989). William Beckford, *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha. 1787-1788*. 3ª ed. (Lisboa: Biblioteca Nacional, 1988).

A esta lista, podemos juntar agora *Três Diários de Viagem em Portugal em 1808-1809*, de Lord e Lady Holland e Dr. John Allen, numa criteriosa organização de José Batista de Sousa.

A importância destes documentos decorre não só das personalidades, substancialmente Lord e Lady Holland, figuras de enorme destaque na vida cultural e política da Inglaterra oitocentista, como do Dr. Allen, médico e secretário de Lord Holland que os acompanhou nas viagens a Espanha e Portugal, em mais de um período. É evidente o fascínio que os Holland tinham pelos nossos vizinhos, mas sempre aproveitaram para incursões pelo nosso território, entrando pelo Minho uma vez, em outra pelo Alentejo; num e noutro caso, como veremos, anotando a paisagem rural e urbana como a visão das gentes, dos mais simples, digamos assim, aqueles que socialmente os procuravam e recebiam, registe-se embora, numa costumeira subserviência mais que em hospitaleira cordialidade.

Algumas diferenças de pendor literário distinguem os três diários, praticamente coincidentes no registo sincrónico, porém, não muito distantes nas observações.

O organizador da edição entendeu, por sustentadas razões, começar pelo diário de John Allen, seguido do de Lady Holland e, por último, o de seu marido, Lord Holland.

A edição tem um importante *Preface* de John Clarke. Professor de História em *The University of Buckingham*, de que se segue tradução em Português.

Reputa-se de fundamental a leitura

desta prótese textual, para se compreender das dificuldades de leitura dos originais manuscritos em inglês, em caligrafias, por vezes, comprometidas pelos solavancos das carruagens, onde algumas entradas seriam redigidas, o que obrigou a pertinaz esforço de fixação dos textos que só o muito labor e saber dos intervenientes podia garantir, como, de resto, a posterior tradução para a nossa Língua.

As más estradas portuguesas, alvo de permanentes queixas daqueles nossos visitantes, seriam responsáveis pelos deslizes caligráficos que tantas dificuldades de decifração e tanto esforço requereram, mesmo àqueles que têm o inglês por língua materna. Pelo que a não menor rigor obrigou a tradução de José Batista de Sousa que nos proporciona, igualmente, uma notável introdução de análise dos diários, compaginados com o período histórico, como nos aproxima dos seus autores em desenvolvidas biografias e indispensáveis notas de referência, seguidas de uma importantíssima Bibliografia.

Os diários abrangem um período entre dezembro de 1808 e julho de 1809, sendo um repertório de anotações de carácter histórico, obviamente no período das invasões napoleónicas, contribuindo para melhor conhecimento dos movimentos militares de um e outro lado dos beligerantes, em Espanha como em Portugal, o que enriquece a nossa história militar; como contribui também pelas observações políticas que situam o acolhimento dado aos franceses por franjas da nobreza e burguesia portuguesas, ao invés das reacções populares, com as delapidações, saques, violações e mortes inflingidas pela soldadesca francesa, onde se distinguia pela crueldade Loison, o célebre Maneta, por lhe faltar um braço, origem da expressão popular 'ir pró maneta', sinónimo de morte. Em consonância com tais anotações político-militares e pinceladas sociológicas, recolhem-se igualmente referências literárias.

Como tal, estes textos são de gran-

de utilidade para a investigação histórica no aludido período, seja para se conhecer as relações com a Inglaterra, seja para se situar a penetração do ideário nascido na revolução de 1879 em França. Não deixa de ser curioso anotar que o Regente D. João, futuro rei João VI, seja apelidado de afrancesado. E também agora se nos torna apetecível, nesta breve resenha, consignar que, não obstante as relações diplomáticas, certo é que os ingleses, fechados na sua ilha, não conseguiram exportar o seu parlamentarismo, enquanto a França espalhou os princípios que se multiplicaram no liberalismo europeu, como aconteceu em Portugal a partir de 1820, se consagrou na nossa Constituição de 1822 e acabou por conformar-se em todo o constitucionalismo português.

Lord Holland conhecia bem a Península Ibérica. Desde 1802, acabados os seus estudos em Oxford, iniciou visitas à corte de Madrid e viajou pela Espanha, o que regista na sua obra *Grand Tour*. Depois com uma considerável comitiva em 1804, onde permaneceu dois anos, entrando pela primeira vez em Portugal em 1804, a 30 de novembro, pela fronteira de Elvas, como informa o prefaciador do livro que recensiamos, só regressando a Inglaterra em março do ano seguinte, depois de visitar Lisboa, Alcoçaba e Caldas da Rainha.

Numa terceira viagem, em 1808, que terá sido a última, à Península, acompanhado de Lady Holland e familiares, assim como do seu médico e secretário John Allen, a que se juntou Lord John Russel, 'à época um adolescente de dezasseis anos' que viria, mais tarde, a ser Primeiro Ministro do Reino Unido. Russel terá também redigido um diário dessa viagem, do qual, a ter existido, nada se sabe.

É evidente a preferência dos Holland por Espanha, onde passaram dois anos e meio, enquanto no nosso país estaciaram cerca de seis meses. Ensina-nos o prefaciador quanto as visitas ao nosso território teriam sido, enfim, motivadas

por conveniências resultantes das vicissitudes político-militares da época.

Decorre da leitura dos três diários a possibilidade de avaliarmos aspetos da personalidade dos seus autores, significativamente divergentes, quer nos interesses, quer mesmo nos valores. Na viagem, vindos da Corunha, passam de Tui a Valença, atravessando o Rio Minho e seguem uma rota que corresponde aos eixos viáveis em direção ao sul, a caminho do Porto; de seguida, por estradas que correspondem ao antigo traçado que ligava o Porto a Lisboa, muito antes da intervenção fontista.

A descrição das aldeias e vilas, o olhar entre o enternecido e o contristado sobre as pessoas, a denúncia da sujidade e pouca comodidade das estalagens, as por vezes exaltantes vistas panorâmicas e os trabalhos agrícolas, acompanham referências a oliveiras e vinhedos. Também os gostos gastronómicos e o pauperismo evidente emergem nos três diaristas, acerca dos mesmos lugares, pela diferença dos olhares, decorrente das diferentes sensibilidades, afinal leituras de um país no terror das invasões militares.

Refugiado nas crenças religiosas, mas desprotegido, um povo em armas e sofrimento onde ressaltam colunas militares desorganizadas, armadas de varapaus e alfaias agrícolas, algumas escopetas e embriaguês, tropa fandanga, diria o povo, em contraste com os oficiais e tropas do Reino Unido que se estabeleceram no nosso país, sob o comando supremo de Wellington, cujos contornos militares nas três invasões são conhecidos. Se sabemos os respetivos resultados políticos, para além do horizonte temporal destes diários, também conhecemos, com a tutela beresfordista e os acontecimentos de 1817, consignados na execução de Gomes Freire de Andrade, a gota de água que fez transbordar o copo e levou os homens do Sinédrio a pôr em marcha, a 24 de agosto de 1820, a revolução que, por uma vez, pôs termo ao Absolutism. Pesem embora flutuações

ideológicas, resultou na instituição do regime constitucional monárquico iniciado no avançado texto constitucional de 1822, se retraiu na Carta de 1826 que vigorou até 1910, com os intervalos de 1836 e a Constituição de 1838, um constitucionalismo que se prolonga em corte até à adequada mudança na Constituição republicana de 1911, para logo mudar de rosto na regressão ditatorial de 1933, mas finalmente se consagra em princípios fundamentais de direitos inalienáveis, na Constituição de 1976.

Não foi por acaso que visitámos, apenas em referência, num sopro diacrónico, as mudanças constitucionais do Vintismo ao Cartismo, deste ao Setembrismo, logo ao Cabralismo, depois à Regeneração, com hiatos embora, que damos por adquiridos em qualquer leitor.

Motivados pelos referidos registos de viagem dos três visitantes estrangeiros na primeira década de oitocento, de que nos vimos a ocupar, inevitavelmente nos convocam para uma análise de mais largos horizontes,

Visitar esta obra, três visões de uma mesma realidade, porém coincidentes, mais adjetivo menos figura de estilo, ao sabor de talentos e estruturação sociopolítica, habilita-nos ao melhor conhecimento de uma época conturbada da nossa história, mas proporciona uma panorâmica das principais vilas e cidades, da atividade comercial e industrial, nas mãos de súbditos de Sua Majestade britânica no estado que tinham. Em flagrante contraste com as iniciativas dos nossos.

Diríamos serem uma interessante espécie de roteiro turístico para quem queira ter notícia das suas terras em 1808-1809 e o retrato esboçado de um país em profunda crise.

O relato de Lady Holland é deveras interessante quando refere os trajas das nossas mulheres, tristes e feios, se comparados com os das mulheres galegas, mas salienta o melhor conforto das nossas casas e a melhor organização agríco-

la. A preferência por Espanha é notória, ansiava regressar, quiçá pela insuportabilidade das nossas estalagens, sujas e desconfortáveis, ainda pelo péssimo estado das estradas, a rudeza das gentes, o que a levou a escrever 'os Portugueses são, em geral, servis e mal criados'.

John Allen é consideravelmente mais tolerante em relação às pessoas, considerando os nossos homens mais altos e as mulheres com melhor figura. Mais marcado pela política e pela cultura, Lord Holland não deixa de referir que a ópera em Portugal não desmerecia das restantes capitais europeias, e as suas anotações políticas aclaram muito do processo de transformação que estava em curso.

Assinale-se que os Holland eram assumidamente marcados pelo livre pensamento, pelo que, ao contrário de outros viajantes britânicos, não maifestam quaisquer preconceitos anticatólicos. No contacto com mosteiros, reconhecem a solidez de carácter de monjes, apreciam a beleza exterior das igrejas. Na visita a Coimbra, se há um interessante registo de ser uma cidade de padres e estudantes, aos últimos aponta-se a soberba, ao mesmo tempo exalta-se a excelência da biblioteca joanina, entre outras apreciações de viés cultural.

Na passagem por Pombal, fica registada a modéstia do caixão insepulto do ministro de D.José, a aguardar mausoléu conveniente, tapado com um pano preto a um canto da igreja, desde 1782, ano da sua morte.

Reiteramos, enfim, a importância dos três diários, independentemente de imprecisões vaticinadoras de desfechos militares e políticos, ou por isso mesmo, para um melhor conhecimento de Portugal, suas fauna e flora, seus costumes e práticas, naquele período crucial da nossa história.

Nas várias entradas, é assinalável o olhar sobre os principais monumentos, a curiosidade popular e os convites das gentes gradadas das terras, as oferendas,

a característica hospitalidade das nossas gentes.

Absolutamente incontornável, pelo rigor da análise e pluralidade disciplinar a *Introdução* de José Batista de Sousa. É um notável historiador e investigador das novas gerações, que estuda a *Holland House* e é uma das mais importantes personalidades científicas das relações anglo-portuguesas nos domínios da Cultura.

Estamos, em nosso entender, perante uma obra que interessa não só aos estudiosos do saber histórico, na sua possível poliedria, como ao público em geral, por ser uma leitura de proveito intelectual e ameno reconhecimento de um Portugal onde nos podemos reconhecer.

**José Henrique Dias**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Clara Pereira Coutinho. 2011. *Metodologia da Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. 343 pp. Coimbra: Almedina. ISBN 978-972-40-4487-3**

Este é um manual de consulta bastante útil para alunos de Mestrado e Doutoramento, na planificação metodológica e tratamento de resultados, apresentando, de forma clara e objetiva, os tópicos fundamentais para a realização de um trabalho de investigação científica. Cada capítulo do livro de Clara Pereira Coutinho termina com a apresentação de atividades e com referências bibliográficas, constituindo outra importante mais valia desta obra que é dividida em três partes e 15 capítulos.

A Parte I – Fundamentos Teóricos da Investigação em Ciências Sociais e Humanas – compreende o capítulo 1, Paradigmas, Metodologias e Métodos de Investigação, explorando a transição do nível paradigmático para o nível metodológico e a tendência atual de integração metodológica.